



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CAMPINA GRANDE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA
PSICOLOGIA**

DE UM MANEJO POSSÍVEL DA TRANSFERÊNCIA NA PSICOSE

LETÍCIA NOGUEIRA DANTAS

**CAMPINA GRANDE - PB
2017**

LETÍCIA NOGUEIRA DANTAS

DE UM MANEJO POSSÍVEL DA TRANSFERÊNCIA NA PSICOSE

Trabalho apresentado à Profa. Dr^a Adriana de Oliveira e ao Prof. Me. Francisco Felipe Paiva Fernandes, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Bacharel em psicologia, sob orientação da Professora Dr^a Gabriella Valle Dupim da Silva.

**CAMPINA GRANDE - PB
2017**

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro
Silva”, CCBS - UFCG**

D192d

Dantas, Leticia Nogueira.

De um manejo possível da transferência na psicose/ Leticia Nogueira Dantas. –
Campina Grande, PB: O autor, 2017.

28 f. il.: Color. 21 x 27,9 cm.

Orientador: Gabriella Valle Dupim da Silva, Dra.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade
Federal de Campina Grande, 2017.

Inclui bibliografia.

1. Psicose. 2.Transferência. 3.Transferência na psicose. 4.Psicanálise.. I. Silva,
Gabriella Valle Dupim da (Orientador). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

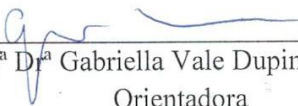
CDU 159:9: 342.2 (813.3)

LETÍCIA NOGUEIRA DANTAS


DE UM MANEJO POSSÍVEL DA TRANSFERÊNCIA NA PSICOSE

APROVADO EM: 06 / 09 / 2017
NOTA: 10,00

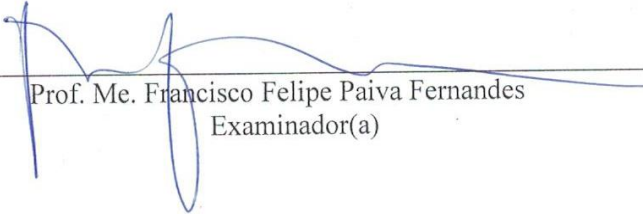
BANCA EXAMINADORA



Prof^a Dr^a Gabriella Vale Dupim da Silva
Orientadora



Prof.(a) Dr^a Adriana de Oliveira
Examinador(a)



Prof. Me. Francisco Felipe Paiva Fernandes
Examinador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me trazer até e me dar forças para continuar seguindo seus passos.

Agradeço ao meu Pai, Rubens Nogueira, por absolutamente tudo que ele é e me ensinou a ser. Pelas vezes que me mandava estudar mais, pelo amor incondicional e ensinamentos sobre a vida que ocupam lugar central nas minhas decisões. Depois de tantos “Um dia você vai me agradecer!”, esse dia chegou. Obrigada, Painho!

Sou grata a minha Mãe, Maria Lenira, que sempre me ensinou sobre cuidado, que orienta e acolhe minhas angústias com ternura e afago. Que sempre lutou e foi espelho para que eu fosse a mulher que sou hoje e a quem ofereço completamente meu amor.

A minha irmã, Natália Nogueira, que desde pequena é minha melhor amiga, companheira com quem divido a vida e aprendo a ser mais decidida. Obrigada por me proteger e incentivar a sustentar meu desejo, e a lutar pelos meus objetivos. Te amo muito, Minha Princesa!

Ao meu namorado, Hector de Medeiros, que é um porto seguro para mim, que mesmo sem entender as questões teóricas as quais eu ficava as voltas, nunca deixou de perguntar, se interessar e dar suporte a minha angústia. Amo-te pelo que falta em ti e não me completa. Obrigada!

A minha orientadora, Gabriella Dupim, que meu deu suporte teórico e emocional para lidar com o que a possibilidade e a impossibilidade de escrever. Obrigada por todas as vezes que me olhou com os olhos cheios de lágrimas e disse “Eu tenho certeza que vai dar tudo certo. Bon courage!”. Obrigada!

A toda equipe da Clínica Neuropsiquiátrica Dr. Maia como um todo, especialmente as minhas supervisoras Ana Ocilde e Cristina Maia, por todas as angústias e ensinamentos. Por me ensinarem a trabalhar com o que é possível, mas a não me conformar com ele. Minha eterna gratidão.

Aos amigos que conquistei durante esse tempo na graduação e em Campina Grande, pela oportunidade de ser e ter a família em momentos felizes e tristes.

A todos que não se sentiram tocados por esses breves agradecimentos, mas que sabem que foram importantes no meu crescimento profissional e pessoal, meu muito obrigada.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos os pacientes da Clínica Neuropsiquiátrica Dr. Maia. Sem o contato com cada um deles, essa produção não teria sido possível. Obrigada por causarem em mim a necessidade de me reinventar a cada instante.

“Que minha loucura seja perdoada, pois metade de mim é amor e a outra metade também”

Oswaldo Montenegro

1.SUMÁRIO

1. SUMÁRIO	05
2. RESUMO	06
3. ABSTRACT	07
4. INTRODUÇÃO	08
5. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PSICOSE	09
5.1 A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DA PSICOSE	09
5.2 O OUTRO, O SABER E O CORPO	15
6. A TRANSFERÊNCIA DE FREUD A LACAN	17
6.1 TRANSFERÊNCIA: AMOR E REPETIÇÃO	17
6.2 TRANSFERÊNCIA: SUPOSTO SABER	19
7. UM TRATAMENTO POSSÍVEL	21
7.1 DO SECRETÁRIO AO MORTO	22
7.2 PIERRE E O MANEJO POSSÍVEL	23
8. MOMENTO DE CONCLUIR	25
9. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	27

2. RESUMO

Este trabalho se propõe a refletir acerca das possibilidades de manejo da transferência na psicose. Usamos para sua construção o método de revisão bibliográfica da literatura proposta por Freud e Lacan da clínica estruturalista. Para investigação do tema foram tecidas considerações acerca da constituição subjetiva da psicose e a forma como a estrutura se relaciona com o grande Outro. Posteriormente discutimos o conceito de transferência enquanto repetição amorosa em Freud, e suposição de saber em Lacan. Finalizamos com a proposta de pensar a transferência na psicose enquanto possibilidade de reinvenção do manejo, articulando a teoria à um caso encontrado na literatura.

Palavras chaves: Psicose; Transferência; Transferência na psicose; Psicanálise.

3. ABSTRACT

This paper aims to reflect on the possibilities of managing the transference in psychosis. For its construction was used the method of bibliographical revision of the literature proposed by Freud and Lacan of the structuralist clinic for his construction. To research the topic were woven considerations about the subjective constitution of psychosis and how the structure relates to the big Other. Subsequently it is discussed the concept of transference as a love repetition in Freud, and an assumption of knowing in Lacan. Ends with the proposal to think of the transference in psychosis as a possibility of reinvention of the management, articulating the theory to a case found in the literature.

Keywords: Psychosis; Transfer; Transfer in psychosis; Psychoanalysis.

4. INTRODUÇÃO

O método psicanalítico proposto por Freud tem como diretriz a cura pela fala. Ele consiste em possibilitar que o paciente fale sobre si a partir do cumprimento de uma única regra: associação livre de palavras, ou seja, verbalizar todas as ideias que lhe venham à mente. Foi proposto por Freud como forma de lidar com os impasses que o tratamento com as neuroses históricas apresentava. Assim, com um método que surge a partir da clínica da neurose, o tratamento analítico para as psicoses ocupou durante muito tempo um lugar controverso. O próprio Freud fez considerações pontuais acerca da psicose, pois, acreditava que para elas não seria possível um tratamento que partisse do método psicanalítico. Com Lacan, a especificidade da psicose é vista com mais atenção pelo holofote da teoria psicanalítica. A teoria lacaniana parte de Freud para reposicionar a questão da constituição subjetiva na psicose, para que assim, se pense um tratamento possível.

Um tratamento que leve em consideração a especificidade do manejo da transferência na psicose, gerou uma série de inquietações inicialmente levantadas em um estágio realizado na Clínica Neuropsiquiátrica de Doutor Maia. Nesse estágio, que tem como orientação teórica a psicanálise, ocorreu o primeiro contato com sujeitos psicóticos. A necessidade de se refletir a cada dia acerca do que é possível diante dessa estrutura fomentou mais dúvidas do que respostas, e essas dúvidas orientaram a escrita deste trabalho. Para que cheguemos a nossa questão final, que é “*Qual o tratamento possível diante da especificidade da transferência na psicose?*”, é necessário colocar *a priori* duas perguntas que foram estruturantes durante o processo de escrita, são elas: Qual a relação do psicótico com o amor e o Outro? De que maneira a transferência se estabelece? Para cada um dos questionamentos foi construído um tópico que tenta circunscrever as problemáticas.

O primeiro tópico será referente a psicose e faremos a discussão desse tema o dividindo em dois subitens. No primeiro deles, teceremos considerações acerca da constituição subjetiva da psicose a partir das diferenciações que Freud e Lacan propuseram, entre essa estrutura e a neurose. Inicialmente traremos considerações sobre a forma como *eu* freudiano se relaciona com as demais instâncias psíquicas nas duas estruturas, para que em um segundo momento apresentamos a discussão acerca da constituição subjetiva a partir do complexo de Édipo lacaniano. Mediante a diferenciação, colocaremos a forma específica como o sujeito na psicose se relaciona com o Outro, o corpo e o saber.

No segundo tópico, colocaremos a forma como a transferência se construiu na teoria psicanalítica também em dois subitens. O primeiro sobre as considerações de Freud sobre o tema e um segundo momento aprofundaremos no ensino de Lacan. Inicialmente usaremos como aporte teórico os escritos técnicos de Freud, para pensarmos a transferência em psicanálise, bem como a forma como ela se estabelece enquanto repetição nas relações amorosas de cada sujeito. No segundo subitem, usaremos o Seminário 08 de Lacan, dedicado à transferência fundamentada na noção de suposição de saber.

Por fim, diante da especificidade da psicose no que se refere ao amor e ao saber, como pensar um tratamento analítico para essa estrutura? No último tópico tentamos circunscrever essa problemática nos colocando a questão do manejo da transferência na psicose. Ele também se divide em dois subitens, sendo o primeiro momento referente às considerações teóricas acerca do tema. Como a clínica psicanalítica tem sua origem fundamentada na prática, privilegiamos discutir o tema a partir de uma articulação da teoria com um caso clínico de psicose extraído da literatura. O caso Pierre explicita um manejo possível da transferência na psicose, que proporcionou ao sujeito um modo de reinventar-se com o laço social.

Este trabalho é de caráter teórico, com o aporte na literatura de Freud, Lacan, e autores contemporâneos. Após tais explanações é válido ressaltar que o presente trabalho não pretende de esgotar o tema, tendo em vista a complexidade do tratamento analítico na psicose. Nessas linhas, temos o intuito de fomentar uma discussão acerca dessa estrutura, do seu percurso na psicanálise, e trazer uma reflexão sobre a indicação de Lacan, que não se deve recuar diante da psicose, nos indicando a especificidade do manejo da transferência.

5. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PSICOSE

Neste momento, trataremos a especificidade da constituição subjetiva na psicose enquanto estrutura, para avançarmos em nosso estudo sobre as questões levantadas neste trabalho. Serão tecidas, primeiramente, observações acerca da constituição subjetiva da psicose para posteriormente tratarmos da especificidade da relação com o Outro, o saber, e o corpo. Para tal, utilizaremos, inicialmente, o aporte teórico proposto por Freud nos textos *“Neurose e psicose”* (2016), e *“A perda da realidade na neurose e na psicose”* (2016a), assim como as contribuições de Lacan no seminário *“As psicoses”* (1988), e no texto *“De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”* (1998). Neste percurso, partiremos da distinção entre neurose e psicose em relação a constituição subjetiva.

5.1 A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA NA PSICOSE

Antes de tratarmos da diferenciação entre de neurose e psicose proposta por Freud (2016), façamos um breve comentário acerca dos conceitos de *Eu*, *Isso*, e mundo externo. Para Freud (1923) a instância do *isso* é portadora das pulsões libidinais e inconscientes que originam a personalidade. O mundo externo seria o conjunto de regras sociais compartilhadas por todos, a realidade material, enquanto o *Eu* seria “a parte do *Isso* que foi modificada pela influência direta do mundo externo” (FREUD, 1923, p.16) que media a relação entre as pulsões inconscientes e a realidade. Com isso, Freud (2016) coloca que a neurose e a psicose são produtos do fracasso do *Eu* em lidar com as demais instâncias subjetivas, e faz a diferenciação a partir de um axioma: “a neurose é o resultado de um conflito entre o *Eu* e o *Isso*, ao passo que a psicose é o resultado análogo de uma perturbação semelhante nas relações entre o eu e o mundo exterior” (FREUD, 1923, p. 271 e 272).

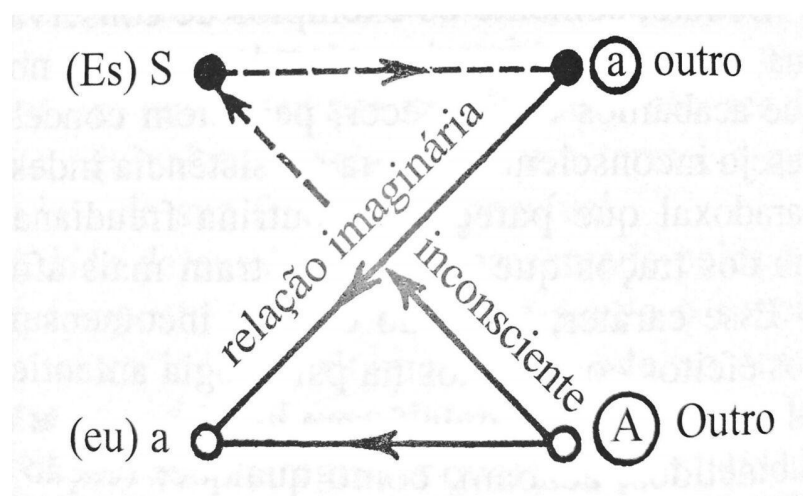
Na neurose, o *Eu* faz uso do recalque para se defender do movimento das pulsões libidinais provenientes do *Isso*. Por não conseguir recalcar completamente essas pulsões, elas retornam ao consciente do sujeito por meio de uma formação de compromisso, que Freud (2016) chama de produção sintomática. No caso da psicose, há um impedimento profundo da realização de um desejo infantil que faz com que o *Eu* rompa com o mundo externo. A resolução desse confronto se dá por meio da construção delirante, onde a realidade passa a ser estruturada fundamentalmente pelo *Isso*. Desse modo, o sujeito psicótico não percebe a realidade, ou à percebe de maneira ineficaz (FREUD, 2016).

A instância que fundamenta a percepção do mundo exterior é específica de cada estrutura e produz saídas diferentes diante do confronto com a realidade. Para Freud (2016a) a produção sintomática na neurose é uma forma de fugir da realidade, pois, ela mascara, de certa maneira, a movimentação das pulsões libidinais que escapam ao mecanismo do recalque. Na psicose, como o confronto do *Eu* é exatamente com a realidade, ao psicótico não resta outra saída senão a criação de uma realidade que para ele seja possível existir. Essa criação é chamada de construção delirante (FREUD, 2016a).

No que se refere às considerações com base na teoria lacaniana sobre a diferença entre neurose e psicose, assim como em Freud, há necessidade que se coloque alguns conceitos *a priori*. A diferenciação entre *a* e *A* tem um valor fundamental, tanto para compreensão dessas breves considerações, quanto para compreensão do ensino lacaniano como um todo. Para Lacan (2010), o *a* (*autre*) é o representante do eu imaginário sob a forma do outro especular, portanto o outro. Esse outro é descrito por Lacan (2010) como semelhante. O *A* (*Autre*) é

descrito como grande Outro, outro da alteridade, que se difere do eu, mas a quem o sujeito está sempre endereçado.

A diferenciação entre as estruturas clínicas é feita por Lacan a partir da forma como cada uma delas vai se inserir no registro simbólico, bem como o modo como cada estrutura se relaciona com Outro. Tais diferenças serão colocadas a partir do estágio do espelho e da metáfora paterna, nas diferentes estruturas clínicas. Para tanto, vejamos o esquema Z usado por Lacan (2010, p. 329) para ilustrar “... os problemas levantados pelo eu e pelo outro, pela linguagem e pela fala”.



No esquema, temos dois eixos principais, o eixo do registro imaginário, e o eixo do registro simbólico. O eixo imaginário está representado no esquema a partir do vetor $a-a'$, o *eu* e o *outro*, respectivamente. Já o eixo simbólico, é representado pelo vetor $S-A$, no qual S é o sujeito do inconsciente e A é o Outro. Esse esquema apresenta algumas das considerações presentes no texto “*O estágio do espelho como formador do Eu*”, no qual Lacan (1998a) apresenta a noção da prematuração biológica do corpo como forma de introduzir a questão da importância da relação com o outro para constituição do eu. Para Lacan (1998a), a prematuração biológica funda a relação do sujeito com o outro, diferindo o ser humano dos animais, posto que nós, não nascemos com um corpo (*Innenwelt*) preparado para sobreviver no mundo externo, (*Umwelt*) sozinho. Em virtude dessa prematuração, desde o nascimento o sujeito precede do Outro para que haja condições de sobreviver no mundo externo.

O corpo prematuro e despedaçado do *infantis* vai começar a se formar, então, a partir da identificação com este outro que a ele oferta cuidados. Lacan (1999b) localiza esse momento como o primeiro dos três tempos do complexo do Édipo. É importante marcar que a noção de tempo em psicanálise não se refere a um tempo cronológico. Assim, os três tempos

serão formulados segundo Lacan (1999a), a partir da metáfora paterna, em uma releitura do Édipo freudiano. Para introduzir a questão da metáfora paterna, ele retoma a brincadeira infantil do *fort - da*. Nessa brincadeira, a criança joga o carretel para longe, emitindo o som *Fort* e quando o carretel retorna, a criança diz *Da*. Lacan usa a brincadeira como forma de exemplificar a metaforização que o bebê realiza para simbolizar a ausência e a presença da mãe. Assim como o carretel, a mãe, enquanto função, vai e volta. Vejamos como esse processo acontece.

No primeiro tempo, há um processo de identificação do bebê com o outro. Essa relação é ilustrada pelo eixo imaginário *a-a'* do esquema Z, no qual o lugar de *a'*, na metáfora materna é referente ao significante Desejo da Mãe. A identificação é chamada de alienação, pois, a criança está alienada no lugar de *ser* o falo imaginário, que completaria o Desejo da Mãe. Para a criança, ela e a mãe (enquanto função) são uma só, nada falta nessa relação, tudo que a criança demanda é saciado pela função materna, assim como a criança é a encarnação do desejo materno, ocupando completamente esse lugar. Vejamos o esquema que Lacan (1998) propõe para a metáfora paterna:

$$\frac{\text{Nome - do - Pai}}{\text{Desejo - da - mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo - da - mãe}}{\text{Significado - para - o - sujeito}} \rightarrow \text{Nome - do - Pai} \left(\frac{A}{\text{Falo}} \right)$$

No segundo momento, temos a entrada do significante Nome-do-Pai na relação da criança com o Desejo Materno. Lacan (1999^a, p. 180) vem colocar que “a metáfora é a substituição de um significante por outro significante”, assim a metáfora paterna seria a substituição do significante primordial materno, Desejo da Mãe, pelo significante paterno, Nome-do-Pai. O significante do Nome-do-Pai é quem opera a metáfora, pois, ele é o organizador dos demais significantes no registro simbólico. É a partir da metáfora paterna que se veicula a castração, pois, ao se inserir na relação entre a mãe e a criança, o Nome-do-Pai provoca a divisão subjetiva da mãe enquanto mulher fazendo existir o Desejo Materno. A entrada desse significante é fundadora da neurose, pois opera a separação de *a-a'* ao colocar às claras a castração materna. Com isso, a criança se pergunta: “*o que minha Mãe deseja que está para além de mim?*”. O Desejo Materno, agora dividido, barrado, se coloca em outro lugar, não é mais completamente preenchido, portanto, não comporta mais a criança no lugar de falo imaginário. Essa entrada faz com que a identificação com o *ser* o falo seja recalcado e introduz na dimensão psíquica da criança o desejo do Outro, onde esse outro assumirá o lugar de causa de desejo (DUPIM, 2009).

No terceiro tempo, ao se deparar com a castração materna operada pelo Nome-do-Pai, a criança se confronta com a própria castração. Diante da impossibilidade de *ser o falo*, ela pode advir enquanto sujeito do desejo, e *ter o falo*. Para *ter o falo*, as operações ocorrem de maneiras diferentes para o menino e para menina. O menino irá se identificar com a figura paterna como aquele que tem, e a menina irá se reconhecer enquanto faltante diante da figura paterna que tem. Dessa forma, o Nome-do-Pai, enquanto articulador da lei, do Outro, organizador de significantes no registro simbólico, opera a significação fálica, possibilitando que o sujeito se organize perante a partilha sexual e o laço social. Sobre o complexo de Édipo:

“O mito do Complexo de Édipo não quer dizer nada senão isto: na origem, o desejo, como desejo do pai, e a lei são uma e a mesma coisa. A relação da lei com o desejo é tão estreita que somente a função da lei traça o caminho do desejo. (...) O mito de Édipo significa que o desejo do pai é o que cria a lei” (LACAN, 2005, p. 120).

Quando a constituição subjetiva se dá como descrito acima, o sujeito vai ter como saída para o complexo de Édipo o recalque, levando-o a se inscrever na estrutura neurótica. Assim, no eixo simbólico do esquema Z (apresentado anteriormente), representado pelo vetor *S-A*, o sujeito irá se relacionar com o Outro através da significação fálica. É através da simbolização, da entrada na linguagem através do significante Nome-do-Pai, que o sujeito vai ter meios de lidar com esse Outro, seja pela produção sintomática ou pelas demais formações inconscientes (LACAN, 1999). O Outro, na estrutura neurótica, fala de uma alteridade mediada pelo discurso, pela lei, pela linguagem. Ainda no esquema, há travessia simbólica do eixo imaginário, *a-a'*. Ela representa a mediação das identificações imaginárias sustentadas a partir da relação do eu com o outro, mediação essa que também se dará a partir da significação fálica na neurose (LACAN, 1999).

A partir dessas considerações, nos questionamos sobre o que diferencia a constituição subjetiva na estrutura neurótica e na psicótica. Como resposta, temos a forclusão do significante operador da castração, o Nome-do-Pai. O termo forclusão foi colocado inicialmente por Freud, que quer dizer a perda de um direito pelo não exercício desse em um tempo específico (ROSA, 1999). Lacan (1988), retoma os conceitos freudianos: *Verneinung*, recalque, e de *Verwerfung*, forclusão, como mecanismos de saída do terceiro tempo do Édipo, na neurose e na psicose, respectivamente. A partir dessas saídas, o sujeito vai lidar de maneira diferente diante de determinadas situações que o convoquem a responder a partir da significação fálica.

“A Verwerfung será tida por nós, portanto, como forclusão do significante. No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o Nome-do-Pai, pode, pois responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência de efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica” (LACAN, 1988, p. 564).

Com a forclusão do significante Nome-do-Pai não há a operação da metáfora paterna, pois, não há a substituição do Desejo da Mãe pelo Nome-do-Pai. Como consequência disso, há o congelamento do sujeito no primeiro tempo do Édipo, no qual ele se encontra completamente identificado, alienado em *ser o falo* imaginário do Desejo Materno. É nesse sentido, que a forclusão faz furo na significação fálica, na “junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito” (LACAN, 1988, p.565). Com a significação paterna e fálica equivalentes a zero, o sujeito adere puramente as identificações imaginárias do eixo *a-a'*, que Lacan (2010) vai chamar de alienações imaginárias do eu.

“É num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, na forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose” (LACAN, 1988, p. 582)

Quando o psicótico é convocado a responder segundo a significação fálica, ele fica em uma posição completamente desarmada diante do real, e responde da única maneira que é possível para ele, fazendo um furo, ou seja, com a forclusão. É a partir daí que o sujeito tem a possibilidade de fazer valer a forclusão perante o acontecimento (LACAN, 1988). Como o sujeito na psicose, não pode contar com a significação fálica enquanto organizadora da ordem simbólica, a metáfora delirante lacaniana, ou a construção delirante de Freud, pode operar como uma forma de ordenar-se frente realidade exterior. Assim, todos os significantes que na neurose são orientados pelo significante Nome-do-Pai como uma bússola, na psicose estão soltos no registro do Real, a céu aberto, em estradas dispersas com sentidos alheios e sem organização simbólica. Dessa forma, a metáfora delirante, na psicose, seria uma possibilidade de organizar o mundo externo, diante da falta da significação fálica (LACAN, 1988).

“O que se produz então tem caráter de ser absolutamente excluído do compromisso simbolizante da neurose, e se traduz em outro registro, por uma verdadeira ação em cadeia ao nível

imaginário, seja na contradiagonal do nosso quadrinho mágico. O sujeito, por não poder restabelecer de maneira alguma o pacto do sujeito com o outro, por não poder fazer uma mediação simbólica qualquer entre o que é novo e ele próprio, entra em um modo de mediação completamente diferente do primeiro, substituindo a mediação simbólica por um formigamento, por uma proliferação imaginária, nos quais se introduz, de maneira deformada, e profundamente a-simbólica, o sinal central de uma mediação possível” (LACAN, 1988, p.104).

Diante dessa impossibilidade de restabelecimento do pacto com o outro pela ausência de mediação simbólica, o psicótico constrói relações específicas com o Outro, com o saber e com o corpo. Vejamos como elas se estabelecem.

5.2 O OUTRO, O SABER E O CORPO

Para adentrarmos na especificidade da estrutura psicótica, se faz necessário estabelecer a forma como este sujeito se relaciona com o Outro, com o saber, e com o corpo. Para Miller (2003) o problema da psicose se localiza na relação com o Outro. A relação específica do psicótico com o Outro é fundadora no que se refere a transferência, pois, para Lacan (1988) o lugar que o Outro ocupa diante da psicose é o de alteridade absoluta. Na psicose, diferente da neurose, essa alteridade não é mediada pela significação fálica que organiza o sujeito no registro simbólico. Como o sujeito está congelado no primeiro tempo Édipo, não há inscrição da falta no Outro, o Outro é inteiro, não barrado, e ocupa o lugar de vontade de gozo. Assim, na alteridade absoluta, o Outro se configura na psicose enquanto um significante consistente que pode assumir uma face de organização, assim como de perseguição (LACAN, 1998).

A relação do psicótico com o Outro se dá mediante o imaginário e o Real. O eixo *S-A* do esquema *Z* se inscreve no registro do Real, pois, em virtude da significação fálica zero, o simbólico não é organizado como na neurose. A partir desse encontro, o sujeito pode se proteger da identificação direta com o outro imaginário, pequeno, fragmentado. Assim como na construção delirante de Schreber, que manteve uma relação de amor com esse Outro radical localizado na figura de Deus. Ao passo que o Outro pode também tornar-se um Outro perseguidor, fonte de alucinações imaginárias e delírios persecutórios, também representada pela relação que Schreber mantinha com Deus (LACAN, 1988).

O Outro, para o neurótico é o guardião da sabedoria do desejo, enquanto para o psicótico, o Outro nada sabe. O saber, enquanto certeza, está no bolso do psicótico. Na neurose, através do processo de alienação e separação, o sujeito é barrado, e o desejo se localiza no Outro. O Outro, a quem sempre se endereça, sabe algo sobre o neurótico, mas nada sobre o psicótico. Por estar alienado no lugar de falo imaginário do Desejo da Mãe, o psicótico é completo de significação. Ele sabe sobre si e sobre o Outro. Como o psicótico não está submetido à castração, que orienta o discurso, todo o saber que se refere a ele só pode ser enunciado por ele próprio. Na psicose não há sobra do enigma neurótico acerca do que o “*Outro quer de mim?*”. A resposta a essa pergunta é uma certeza inabalável: “*O Outro me quer!*”, *O Outro quer meu corpo!*”, entre outros enunciados comumente repetidos em delírios auto eróticos ou de caráter persecutório. Lacan (1988) enuncia que a certeza do psicótico é absoluta e impassível de questionamento, como no caso Schreber, que relata uma certeza concreta do amor e dos planos de Deus com relação a ele (LACAN, 1988).

No que se refere ao corpo, Lacan (1998) coloca que o corpo do psicótico não é submetido pela significação fálica que opera no segundo tempo do Édipo, e que em função disso, o sujeito permanece no lugar de *ser o falo* do Desejo Materno. Assim, a constituição do corpo se dá a partir dessa identificação imaginária. Em virtude desta não ressignificação fálica o sujeito não se apropria do seu corpo a partir do registro simbólico e irá construir uma relação imaginária com ele. Para Miller (2003), como o psicótico está fora do discurso estabelecido, ele precisa inventar um discurso que possibilite a apropriação do corpo, para que assim se dê uma função aos órgãos. Por isso há a possibilidade de um estranhamento corporal caso haja alguma experiência traumática que convoque a significação fálica. O estranhamento pode se apresentar de formas variadas: como despedaçamento corporal, uma certa confusão mental que parte da não simbolização subjetiva frente a partilha sexual, ou ainda a sensação de experiências extra-corporais. Em Schreber, há o que Lacan (1988) vem chamar de *empuxo à mulher*, no que se refere a forclusão, pois, assumir-se enquanto mulher seria uma negação à castração.

Após tais considerações sobre a constituição subjetiva na psicose, assim como a relação específica que o psicótico estabelece com o Outro, o saber e o corpo, pensemos acerca dessa especificidade. Ela é válida para nossa questão, pois, se reflete no manejo da transferência na psicose, pois, se a psicose é uma estrutura que difere em tantos aspectos da neurose, como é possível pensar em um tratamento para o psicótico partindo da clínica da neurose? Para avançarmos nessa discussão, vejamos como o conceito de transferência foi construído na clínica psicanalítica a partir do aporte teórico de Freud e Lacan.

6. A TRANSFERÊNCIA DE FREUD A LACAN

Para a melhor compreensão do tema, teceremos considerações acerca do conceito de transferência separadamente ao de psicose, visando assim, ter um melhor vislumbre do que se pretende construir. Como norte teórico, tomaremos, primeiramente os ditos *Escritos Técnicos* de Freud. Esta parte da obra freudiana é composta por seis textos curtos publicados entre 1911 e 1915, e trazem notas e orientações sobre os atravessamentos práticos que a clínica psicanalítica apresenta. Neles, Freud irá trabalhar o conceito de transferência enquanto uma repetição das relações amorosas. Em um segundo momento serão expostas as considerações de Lacan (1992) acerca desse mecanismo em seu oitavo seminário, *A Transferência*. Partindo da obra de Platão, *O Banquete*, ele vai fundamentar o que é o amor, e estabelecer uma ponte deste à transferência, para que em seguida esta seja apresentada como um movimento dialético entre a demanda do analisando e o lugar do analista. Três perguntas orientam a leitura do referencial teórico proposto: O que é a transferência? Qual a base desse mecanismo? Como ela se estabelece?

6.1 TRANSFERÊNCIA: AMOR E REPETIÇÃO

Nos primeiros textos sobre a transferência, Freud (1996a) coloca a questão enquanto um mecanismo neurótico que está presente na vida do sujeito e não se configura propriamente como a condição específica do campo psicanalítico. Ao se questionar sobre a particularidade do fenômeno transferencial, a inquietação freudiana se configura em uma problemática central: porque esse mecanismo que se apresenta de maneira tão comum para os neuróticos (graves ou não) na vida cotidiana, se configura no dispositivo analítico de maneira tão intensa e específica? Nesse percurso, Freud (1996a) investiga sobre a diferença entre o amor romântico e o amor enquanto um impulso libidinal, pulsional, investido na escolha do analista.

Para Freud (1996a), no curso da vida erótica do sujeito, existem dois tipos de impulsos libidinais, os que passam por todo o aparelho psíquico da neurose, e os que não passam completamente pelo aparelho. Respectivamente, os primeiros vêm a se tornar parte integrante e consciente da personalidade, e os segundos ou ficam completamente retidos se fixando apenas na parte inconsciente, ou se prendem apenas a fantasia, onde também permanecem longe do que o sujeito tem conhecimento. Ambos os impulsos libidinais, são elementares na questão da escolha do objeto amoroso, assim como na determinação inconsciente de eleição de um analista. Ele aponta:

“Assim, é perfeitamente normal e inteligível que a catexia libidinal de alguém que se acha parcialmente insatisfeito, uma catexia que se acha pronta por antecipação, dirija-se também para figura do médico. Decorre de nossa hipótese primitiva que esta catexia recorrerá a protótipos, ligar-se-á a um dos clichês estereotípicos que se acham presentes no indivíduo; ou, a colocar a situação de outra maneira, a catexia incluirá o médico numa das ‘séries’ psíquicas que o paciente já formou” (FREUD, 1996a, p. 112).

Partindo desse pressuposto, podemos depreender que a questão da escolha e a relação que o sujeito irá estabelecer com o analista seria uma repetição da relação com seus primeiros objetos de amor. Assim, para Freud (1996c), o amor constitui a base da transferência. Como exemplo dessa colocação, a experiência mostra que muitas vezes, quando o sujeito expressa que não se recorda de ter uma determinada postura em relação aos pais, mas reproduz a mesma atitude com o analista, notamos a vertente de repetição da transferência. A transferência enquanto repetição de uma escolha amorosa é fundamental desde o início do tratamento e constitui a base da transferência. Assim, apenas por meio do amor depositado na figura do analista, seria possível um tratamento analítico (FREUD, 1996c).

Um aspecto válido para nossa discussão é manifestação desse amor transferencial endereçado ao analista, enquanto vertente de resistência, entrave ao tratamento. Freud (1996b) traz a luz da discussão o amor enquanto repetição, e coloca que a explosão de um amor avassalador no processo terapêutico, por parte do analisando, seria expressão de resistência, no qual o amor se atualiza e é usado como ferramenta para inviabilizar o curso do tratamento. A resistência acompanha cada etapa do tratamento, especialmente quando a análise toca algum complexo patogênico. Sobre a resistência Freud (1996) nos adverte que: a transferência se configura como uma arma diante da resistência, ao mesmo tempo em que é indicativo de uma transferência intensa e persistente. Em seguida, ele coloca que é importante se localizar a transferência na cadeia de repetições do paciente, mas que essa determinação apenas se configura como motor ao tratamento analítico quando colocada em relação à resistência. Por último, mas não menos importante, a abertura do leque quando ele propõe que se pense no termo “transferências”, indicando que haveria diversas formas de manifestação desta.

Freud (1996a) coloca uma divisão inicial entre transferência negativa, direcionando sentimentos hostis ao analista, e a positiva, que endereça sentimentos afetuosos. A transferência positiva é subdividida em duas categorias, a que tem como base sentimentos amorosos ou amistosos, que se caracterizam pela possibilidade de vir à consciência, e a

transferência de sentimentos amorosos inconscientes com raízes eróticas (FREUD, 1996a, p. 116). Na neurose, a transferência se configura como ambivalente, pois, se encontra tanto na forma negativa, quanto positiva. Assim, quando há ambivalência se pode operar através do manejo com fim de superação da resistência (FREUD, 1996a).

Mediante esse percurso, para Freud, o amor se constitui enquanto pilar fundamental para o tratamento analítico, o estabelecimento da transferência, para a configuração da transferência em resistência, e opera para que a superação da resistência. Diante disso, o autor coloca que para a psicanálise não é relevante se perguntar acerca da genuinidade deste amor, mas sim, pensar nesse afeto no que refere a sua possibilidade de manejo. Assim, a partir desse manejo, o analista poderá sair do lugar de objeto de amor enquanto repetição, para que, o analisando possa ressignificar o seu próprio lugar mediante suas repetições (FREUD, 1996).

6.2 TRANSFERÊNCIA: SUPOSTO SABER

Ainda sobre o amor, no que se refere às contribuições de Lacan (1992) sobre a transferência, pode-se destacar uma máxima: “amar é dar o que não se tem” (LACAN, 1992, p. 218). Esse aforisma vai se repetir durante todo o seminário *A Transferência*, que se serve de aporte o “*O Banquete*” de Platão. Diante da dificuldade de se conceituar o amor, Lacan (1992) retoma Sócrates ao colocar que o banquete é válido, não enquanto contribuição acerca do amor, mas sim no que esse afeto se relaciona com a transferência. Ele faz alusão ao escrito de Sócrates de forma peculiar, pois, tomará cada um dos discursos proferidos pelos convidados do banquete acerca do amor enquanto relatos de sessões analíticas. Nesse momento, Lacan (1992) concebe a relação transferencial enquanto uma parceria amorosa, em que há uma posição de amante, *Erástes*, e do amado, *Érômenos*. Colocando assim, uma correlação entre *Erástes*, o sujeito do desejo, e *Erômenos* aquele que algo tem, mas que não se configura enquanto o que falta ao amante.

Para Lacan (1992), o amante é aquele que não sabe o que lhe falta, o amado é aquele que não sabe o que tem, enquanto o amor é a metáfora da substituição da função do amante pela função do amado, resultando na produção do significante amor. É por meio dessa produção metafórica que se coloca o problema do amor: nem o amado nem o amante tem algo a ofertar. É entre o que se demanda e o que não é possível de ser ofertado que se constrói a problemática. No oferecimento dessa falta, representada pela castração, que há em um e que não se completa no outro, que se constrói a condição para que haja o amor.

Lacan (1992), parte do conceito de amor para explicitar como ocorre o fenômeno transferencial, na medida em que ambos estão no mesmo plano no que se refere à dialética. Se

na relação amorosa há o amado e o amante, na transferência, de forma análoga há o analista e o analisando. Em ambas, o sujeito vai à procura de algo que ele não tem, ao passo que para ele essa falta é desconhecida. Diante dessa dialética, nos interrogamos: qual o lugar do analista na transferência? Lacan (1992) aponta que essa pergunta está no cerne estrutural do fenômeno transferencial.

Na neurose, a transferência se estabelece a partir da suposição de saber em que o analisando deposita a figura do analista. No tratamento analítico, o sujeito irá demandar que o analista ocupe um lugar de saber sobre o ele, de suposto saber, de mestre. A suposição de saber dirigida ao analista é similar à demanda que o amante endereça ao amado, pois, tanto o analisando quanto o amante creem que não o têm e supõem que o outro tenha algo que o complete. Diante da demanda de amor, tanto o amado quanto o analista só podem responder com sua falta, a falta-à-ser (LACAN, 1992). Portanto, o fenômeno transferencial se fundamenta na mesma dialética do amado e do amante. É somente a partir do estabelecimento da transferência que o analista é colocado na posição de objeto *agalma*, de causa do desejo. O analista no lugar de *agalma* é fundamental ao processo analítico, pois ele se insere na série de objetos amorosos na fantasia fundamental do sujeito, podendo assim interpretar em nome do bem-dizer do sujeito de desejo. Para que seja possível reconhecer e manejar a transferência, é necessário que o analista saiba que sua posição e intervenções não partirão da compreensão, pois toda compreensão tem como base a ilusão (LACAN, 1988). O analista deve primar pela interpretação a partir de uma postura nesciente, sendo a nesciência o saber sobre a ignorância, sempre supondo o mal-entendido sobre o que o sujeito enuncia. Se o analista sabe algo, é sobre a ética do desejo, que o coloca no lugar de objeto para que ele possa acessar a causa do desejo do sujeito (LACAN, 1992).

Para Lacan (1992) o desejo se constitui enquanto falta, produto do processo de castração, fundada pela inserção do Nome-do-Pai enquanto organizador simbólico do campo do Outro. A partir dessa exposição, pensemos o desejo no que se refere ao analista como peça fundamental para a transferência. Lacan (1992) coloca que ele deve ser “asséptico” na relação analítica. E como um posicionamento frente a ele, o desejo, tanto do analista como do analisando, ele assumirá a *versagung*, enquanto recusa, a fim de se desnudar do lugar ao qual é chamado a responder como outro. Com isso, como consideração final acerca do lugar do analista e da transferência, ele coloca o termo *Puro Desejante* na medida que ele é definido na e pela fantasia, se abstraindo e escamoteando-se da suposição de ser desejável enquanto sujeito. Afinal, enquanto desejante puro, nada pode ser dito de si mesmo sem que se exclua de tal posição (LACAN, 1992).

Assim, se a transferência na neurose é a repetição de base amorosa que se estabelece a partir da suposição de saber, onde o analista ocupa o lugar de *objeto agalma* causa de desejo, como estabelecer um tratamento para uma estrutura que mantém com o Outro numa posição de vontade de gozo e que a ele não supõe saber? Mediante a construção teórica sobre a especificidade da estrutura psicótica e das formulações acerca da transferência para psicanálise analítica, pretendemos avançar em nossa discussão a respeito da especificidade do tratamento e do manejo da transferência na psicose.

7. UM TRATAMENTO POSSÍVEL

Diante de todas as considerações tecidas até aqui, chegamos à nossa questão: como se dá o manejo da transferência na psicose? Se para Freud a base da transferência é o amor, e o amor se dá a partir do recalamento da representação das pulsões libidinais que direciona a escolha do objeto amoroso, assim como do analista, como articular o amor e a transferência em uma estrutura que escapa ao mecanismo do recalque? E se para Lacan é a suposição de saber que fundamenta a transferência, como falar de uma forma de tratamento em uma estrutura que não supõe saber no Outro? Essas perguntas e tantas outras que se apresentam servirão de mirante para nossa discussão.

Freud (1996a) colocou que a transferência neurótica era passível de manejo analítico por seu caráter ambivalente, pois esta se configura como positiva e negativa. No que se refere à psicose, essa transferência foi colocada como essencialmente negativa, inviabilizando o manejo e o tratamento. Como algo fundamental no manejo da relação transferencial na psicose, Lacan (1988) durante todo o seminário sobre as psicoses, articula, a partir da obra de Schreber, que o delírio do psicótico tem uma lógica que precisa ser localizada a partir da vida do sujeito que fala, e coloca um axioma: *a psicanálise não pode recuar diante da psicose*. Assim, Lacan (1998) no texto “*De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*” já anuncia no título uma das formas de se haver com esse manejo: como possibilidade, e é por essa via que seguiremos.

Pensando no manejo enquanto possibilidade, e diante dessa convocação clínica e política, que colocaremos os dois tópicos a seguir. Em “*Do secretário ao morto*” iremos fazer um percurso acerca das possibilidades de manejo transferencial na psicose a partir da obra lacaniana e de seus contemporâneos. Em seguida, traremos um caso publicado por Joseph Attié, intitulado “*Pierre sem o Nome-do-Pai*”, com a proposta de articulação entre a teoria e a prática.

7.1 DO SECRETÁRIO AO MORTO

A partir das colocações acerca da constituição subjetiva da psicose, da forma como a transferência se estabelece, da relação do psicótico com o Outro, com o saber e com o corpo, qual o lugar do analista no manejo do tratamento com a psicose? Lacan (1988) nos indica: o de *secretário do alienado*. A posição daquele que escuta o alienado, que dá um lugar para que ele possa falar de seu sofrimento, de quem confere legitimidade ao enunciado. O lugar de quem sabe que discurso da psicose tem sentido, que há uma significação no delírio de cada sujeito, e que essa significação é referente à história de cada um. O secretário do alienado não parte da compreensão empática proposta pelas teorias humanistas, em que o terapeuta se coloca no lugar do outro semelhante. A compreensão que a psicanálise tem sobre o sujeito é enquanto estrutura psíquica, daquele que recebe o testemunho do psicótico diante da sua relação específica com a linguagem, com o laço social.

A posição de secretário do alienado diz daquele que vai ouvir os segredos e angústias mais profundas do sujeito psicótico e vai guardar segredo (*secret*) absoluto. Secretariar o sujeito acerca do laço social, sobre a dificuldade de se manter no discurso com o significante Nome-do-Pai foracluído. Trata-se de uma orientação enquanto possibilidade de que esse sujeito invente, a partir da transferência, uma possibilidade de estar no mundo a partir de uma perspectiva que não seja a do gozo desmedido, avassalador da psicose. Secretariar sem fazer intervenções diretas que possam quebrar identificações ou desorganiza-lo. Para isso, há um manejo específico: um “manejo imprudente com relação ao objeto” (LACAN, 1988, p. 24), poderia levar ao desencadeamento da psicose.

Diante da iminente possibilidade de desencadeamento, o manejo desse lugar de secretário é sutil e demanda cautela. Retomando os eixos imaginário e simbólico do esquema Z, para referenciar a especificidade dessa sutileza. O analista deve evitar o lugar de outro (a) especular, aquele da relação com o *eu*, assim como a posição de Outro (A). Encarnar esses lugares no tratamento com a psicose é contraindicado devido a significação delirante que pode se originar. Ocupar o lugar de outro pode desencadear a identificação pura da psicose que não é mediada pela ordem simbólica. Assim como ocupar o lugar de Outro, enquanto vontade de gozo, pode fazer com que o psicótico atribua ao analista o papel de grande Outro da alteridade absoluta, que goza diretamente do psicótico. Secretariar, nesse sentido, é ocupar o lugar de morto na oferta de uma orientação que fuja da compreensão e do imperativo categórico, pois, não se pode comungar do saber do psicótico, ao passo que não se pode colocar sua certeza em

suspensão. Secretariar, então, é conferir importância ao discurso do paciente sem estimular a significação delirante, é possibilitar que o sujeito saia minimamente do lugar de objeto de gozo do Outro, e que construa uma possibilidade de existir no laço social (LACAN, 1998).

Como exemplo dessa possibilidade, Lacan (1988) vem colocar o analista enquanto lixeira. Lixeira, depósito, cofre. O analista enquanto secretário assume todas essas funções mediante a transferência com o paciente, para que este deposite ali a cascata do imaginário, as significações que lhe trazem angústia e o desorganizam. Depósito do gozo excessivo, cofre de revelações preciosas, e lixeira de coisas as quais o sujeito não quer, não pode se haver. Partindo dessas considerações, a seguir, traremos um caso para articular teoria e prática acerca da conotação de possibilidade e da sutileza do manejo da transferência na psicose.

7.2 PIERRE E O MANEJO POSSÍVEL

O caso de Pierre foi retirado do livro *Irma* e foi escrito por Joseph Attié (1994). Pierre procura Attié logo após um período de internação em um hospital psiquiátrico. O momento do primeiro desencadeamento se deu quando Pierre se confrontou com um dilema: fazer ou não amor com uma mulher. Desde então ele começou a apresentar fenômenos elementares, como uma visão de que dois extra-terrestres em seu quarto todas as noites, assim como crises psiquiátricas a cada dois anos. Para Miller (2003) a diferença fundamental entre neurose e psicose se refere ao fato de que alguns momentos de fácil manejo para um sujeito neurótico, pode demandar um esforço enorme para o trato do psicótico. O confronto com o feminino convocou Pierre a responder segundo a significação fálica, e diante da impossibilidade, ele respondeu a partir da forclusão.

Attié (1994) irá construir a escrita do caso a partir do movimento transferencial, e o divide em três momentos: colocação da transferência, vacilação da certeza e báscula do gozo. No primeiro momento, Attié (1994) coloca que desde o começo das sessões, Pierre veio com o delírio estruturado ao atendimento, não supondo saber no analista. A construção do delírio se deu acerca do seu nome, que para ele significava imortal. O que Pierre procurava no consultório não era um saber, pois isso ele já tinha. O objetivo dele era “tomar alguém como testemunha da sua certeza” (ATTIÉ, 1994, p.198). A partir da posição de secretário que o analista assumiu, Pierre conseguiu a estabilização da metáfora delirante e alcançou pequenos laços com o meio social: arrumou um emprego, começou a escrever poesias, passou cinco anos sem entrar em crise, e conseguiu fazer amor com uma mulher. Essas mulheres lhe

serviam apenas enquanto objetos sexuais, pois, o paciente afirmava não ter saúde para ter esposa e filhos.

O amor na psicose não se inscreve no registro simbólico a partir da significação fálica proveniente da metáfora paterna. Para Lacan (1988, p. 287) o amor na psicose é um “amor morto”. Esse amor morto é formulado por Lacan (1988) a partir da abolição subjetiva e da incorporação da heterogeneidade radical do grande Outro absoluto. Sobre essa articulação lacaniana, Miller (2003a) traz a discussão outra colocação do autor: “os psicóticos amam ao seu delírio como a si mesmo”, se referindo ao amor morto como o fato de que na psicose o sujeito só ama a ele mesmo, ou ao um ideal que substitui o parceiro. Miller (2003a) ainda se pergunta se essa alteridade radical com relação ao Outro se configura no plano da impossibilidade absoluta, que acaba por ser mortificada, pelo fato de não poder ser encarnada por ninguém. Há outra interpretação que parte do amor na psicose enquanto existência da relação sexual, pois, está é inexistente enquanto componente por dois uns barrados que não constituem uma unidade. Na psicose, não há barra no sujeito nem no parceiro sexual, ambos são completos, e por isso faz a relação sexual existir (MILLER, 2003a). Assim, podemos pensar que a transferência na psicose não se localiza no mesmo plano da transferencial que na neurose, no sentido de que assim como o amor, a transferência é específica para cada estrutura.

No segundo momento, a partir do confronto com o sexo oposto, Pierre começa a sentir-se estranho. Desconfia que a medicação seja responsável tanto pela sua felicidade, quanto pela sua potência sexual prejudicada. Pouco tempo depois começa a trazer sonhos e interpretações alucinatórias à análise. A queda da certeza sobre a imortalidade o levaram a um delírio persecutório até que ele enunciou: “jogaram-me numa lixeira” (ATTIÉ, 1994, p. 200). Depois disso, teve um desencadeamento e só retornou aos atendimentos cinco meses depois.

Para Alvarenga (2000) a metáfora delirante é algo que ajuda o sujeito a estruturar a realidade diante da ausência do significante do Nome-do-Pai e da significação fálica. Para ela, essa operação circunscreve o gozo excessivo da psicose através da entrada precária em algum discurso. Pierre se serviu da metáfora delirante como quem se senta em uma cadeira de três pés. A metáfora delirante de ser imortal o sustentou de maneira frágil durante um tempo determinado, que é impossível de se contabilizar *a priori*.

Após a alta hospitalar, Pierre retorna aos atendimentos e confia a Attié (1994, p.200 e 201) que havia deixado de tomar a medicação por perceber que ela prejudicava seu desempenho sexual, e questiona o analista sobre voltar ou não a tomar a medicação. O analista responde imediatamente que sim, e indica outro médico para que ele reveja sua medicação psiquiátrica mediante sua nova postura com relação ao sexo. O paciente retorna na

semana seguinte e relata a satisfação de ter resolvido o problema referente a medicação, e coloca sua vontade de encontrar uma mulher para viver com ele. Attié (1994) coloca que não há como prever se Pierre irá encontrar a mulher idealizada, nem as consequências que isso pode acarretar, mas que esse interesse no amor é um reposicionamento diante do laço social que é válido de ressalva no tratamento psicanalítico da psicose.

Diante desse fragmento de caso, vimos a exemplificação da possibilidade de manejo da transferência na psicose. O analista assumiu diversas posturas durante toda a descrição, se colocando enquanto lixeira, depósito de gozo, testemunha do discurso delirante, e principalmente, enquanto secretário do alienado mediante o laço social. Como nos adverte Lacan, não recuar diante da psicose exige ao analista se reinventar diante dos impasses que essa estrutura apresenta.

8. MOMENTO DE CONCLUIR

Diante de todo o caminho que percorremos desde as considerações acerca da psicose, passando pela maneira como a transferência se estabelece, até chegar no tratamento da psicose enquanto possível, tecer as considerações finais é, talvez, o que há de mais desafiador. Como finalizar um trabalho que se propôs a circunscrever o manejo da transferência na psicose, a clínica do excesso? Para tentar chegar à um fim, pensemos nele como finalidade.

Assim como a própria psicanálise, que foi proposta por Freud a partir da demanda da histórica, esse trabalho também foi pensado a partir de um impasse que a prática nos apresentou. O contato com a psicose sempre mobiliza afetos, pois convoca o sujeito a responder ao real da coisa, onde o simbólico não faz borda, convoca a resposta subjetiva a partir da (re)invenção, e não da castração. O estágio realizado na Clínica Neuropsiquiátrica Dr. Maia possibilitou esse contato e fundamentou as questões que surgiram a partir desse encontro. A falta de uma técnica pré-estabelecida gerava angústia, ao passo que a ampla oferta de aporte teórico e experiência prática causavam o desejo. Essas linhas são referentes as inquietações produzidas a partir desses afetos.

Como já foi colocado acima, Miller (2003a) nos indica que o psicótico precisa inventar um discurso para poder existir. Assim, não recuar diante do tratamento com a psicose é reinventar-se diante do manejo da transferência, fazendo esse manejo existir enquanto possibilidade. O lugar de secretário é de quem opera com essa possibilidade. É a partir do estabelecimento da relação transferencial que o analista possibilita ao psicótico fazer uma

barra nesse gozo do Outro, a sair desse lugar de objeto, se inventar no mundo, e construir uma saída para si.

Diante da necessidade de produção de um fechamento, vamos usar a proposta que Lacan (1998b) coloca para dividir a sessão analítica em três momentos do tempo lógico: instante de ver, tempo para compreender, e momento de concluir. No nosso o instante de ver, colocamos que não era o objetivo deste trabalho esgotar o tema, pois, isso se inscreve no plano da impossibilidade, sempre irá faltar algo, inclusive a própria falta. No tempo para compreender propomos a articulação teórica dos conceitos de psicose e transferência de forma separada para ver as especificidades de cada um deles, para chegarmos ao tratamento da psicose enquanto possibilidade de invenção. Assim, diante da necessidade de se fazer pontuações acerca do momento de concluir, vamos colocar o axioma lacaniano que orientou e foi presente no processo da escrita: não recuar diante da psicose é um ato analítico que transpõe a clínica e se inscreve na política e na ética do tratamento do sujeito. Avante.

9. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALVARENGA, E. Estabilizações. *Curinga*, n. 14. Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas. Belo Horizonte, 2000.

ATTIÉ, J.. Pierre sem o nome-do-pai. In: MOTTA, M. B. da. Irma. 2º Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 197 a 202.

DUPIM, G. V. da S. (2009). A psicanálise na cidade: implicações. [online] Disponível em: <<http://objdig.ufrj.br/30/teses/681769.pdf>>. Acesso em 29 de agosto de 2017.

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição Standard brasileira. v. 12, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. A dinâmica da transferência. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição Standard brasileira. v. 12, Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

_____. Observações sobre o amor transferencial. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição Standard brasileira. v. 12, Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

_____. Recordar, repetir e elaborar. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição Standard brasileira. v. 12, Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

_____. (1923). O Ego e o Id. p. 03 a 41. In: O Ego e o Id e outros trabalhos. FREUD (1923-1925). [online] Disponível em: <<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-19-1923-1925.pdf>>. Acesso em: 28 de agosto de 2017.

_____. Neurose e psicose. In: Neurose, psicose e perversão. Ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 271-276.

_____. A perda da realidade na neurose e psicose. In: Neurose, psicose e perversão. Ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016a, p. 279-284.

JULIEN, P. Uma volta ao rochedo freudiano. In: Psicose, perversão, neurose: A leitura de Jacques Lacan. Ed. Companhia de Freud, 2002.

LACAN, J.. Introdução ao grande Outro. In: Seminário 03: As psicoses. 2º Ed. Brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010, p. 318-335.

_____. Seminário 03: As psicoses. Ed. Brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. O Seminário 08: a transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. A causa do desejo. In: O Seminário 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 113-127.

_____. A forclusão do Nome-do-Pai. In: O seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 149-165.

_____. A metáfora paterna. In: O seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999a, p. 166-184.

_____. Os três tempos do Édipo. In: O seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999b, p. 185-203.

_____. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: LACAN, J.. *Escritos*. Ed. brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 537 - 590.

_____. O estágio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, J.. *Escritos*. Ed. brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a, p. 96-103.

_____. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada: um novo sofisma. In: LACAN, J.. *Escritos*. Ed. brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b, p. 197-225.

MILLER, J-A.. A invenção psicótica. Opção Lacaniana. São Paulo: Edições Eólia, 2003.

_____. La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica. Buenos Aires: Paidós, 2003a.

ROSA, M. Forclusão e fenômenos elementares. *Curinga*, n. 14. Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas, Belo Horizonte, 2000.